

Reagan joga dólares aos pobres

Heitor Tepedino

Nova Iorque — Coincidência ou não, às vésperas da reunião dos sete grandes em Londres, o Federal Reserve (Banco Central Americano) está jogando dólar no mercado para melhorar a liquidez do sistema financeiro, o que irá provocar a queda do dólar frente às demais moedas fortes no correr desta semana. Existe ainda a expectativa de que o Federal Reserve poderá reduzir as taxas de juros dos títulos do Tesouro norte-americano. Por outro lado, o governo Reagan anunciou que a taxa de desemprego do país caiu para 7,5 por cento, afirmando-se que o crescimento da economia vem sendo mantido, embora com menos velocidade.

Nesta semana o mercado financeiro irá trabalhar dentro de um clima confuso. Os próprios economistas norte-americanos não estão se entendendo. Uns afirmam que para evitar reduções perigosas dos índices de crescimento o Federal Reserve terá de relaxar a sua política monetária contracionista, permitindo que as taxas de juros caiam. Outros afirmam justamente o contrário, isto é, que os juros irão subir. No meio dessas expectativas fica o Federal Reserve geralmente errando em larga escala suas previsões de expansão monetária, o que já levou alguns economistas a afirmarem que a autoridade monetária pode controlar a base monetária e nunca a expansão dos meios de pagamento (moeda em poder do público e depósitos à vista dos bancos comerciais), principalmente num país como os Estados Unidos, onde os cartões de crédito desviam qualquer previsão nesta área.

Por outro lado, não seria surpresa se o governo Reagan tivesse partido para uma política de melhoria da sua competitividade no mercado internacional em termos de exportação, forçando a queda do dólar, diante do déficit comercial desse país no mês passado, de US\$ 12 bilhões, o que alterou a previsão do déficit comercial americano deste ano de US\$ 90 bilhões para US\$ 129 bilhões.

Analistas da área de exportação dos EUA já declararam que com a atual cotação do dólar os produtos americanos estão fora do mercado internacional, como se observou em abril, com uma queda de 1,1 por cento nas suas exportações.

Todos esses fatos nos levam a acreditar

que na reunião da próxima quinta-feira em Londres, onde estarão sentados por dois dias os dirigentes dos Estados Unidos, Inglaterra, Canadá, Japão, França, Alemanha Ocidental e Itália, surja alguma idéia nas áreas de comércio internacional e de escalada dos juros.

Contudo, a imprensa americana continua afirmando que a reunião dos «sete grandes» será um encontro com muita «nostalgia», com Reagan sendo pressionado no sentido de que o grande déficit orçamentário do seu governo e o elevado patamar das taxas de juros sejam resolvidos como um problema doméstico e não internacional. Afirmava também que os países da Comunidade Económica Europeia estariam dispostos a concordar com o início da eliminação das barreiras comerciais, o que não se obteve sucesso após a última reunião dos grandes.

No entanto, todos esses projetos podem esbarrar com o problema das eleições presidenciais americanas em novembro próximo, já que Reagan não concordaria em dar a mão à palmatória a qualquer acusação contra sua política. Ao contrário, comentasse que Reagan irá solicitar aos seus parceiros uma declaração conjunta que elogie a atual política de recuperação econômica dos EUA.

Para os países do Terceiro Mundo sobram poucas possibilidades de solução para os seus débitos. Ninguém espera que os industrializados procurem responder às causas que frustraram a convicção de que o crescimento econômico iria melhorar o faturamento desses países, além do resultado danoso do crescimento das taxas de juros do mercado internacional. Assim, até agora o fim da recessão americana somente agravou o problema do Terceiro Mundo, que não consegue expandir suas exportações e ainda tem um ônus maior no custo financeiro dos seus débitos externos.

Como meio termo, surge a hipótese de que os sete grandes irão tentar anunciar alguma medida de impacto no comércio internacional como forma de segurar a irritação dos países do Terceiro Mundo, que não conseguem trabalhar em um mercado internacional estável, tanto em termos comerciais como financeiros, e por isto teme-se que o encontro de Londres seja «letárgico», terminando com uma declaração de intenções sem maiores significados para o futuro da economia internacional.